

ARTE

Um jornalista, e dos melhores de S. Paulo, Arnaldo Pedrosa d'Horta, está expondo no Museu de Arte de S. Paulo, Expõe desenhos.

Conheço Arnaldo há uns quinze anos, e trabalhamos juntos, associados a Alfredo Thomé, na primeira fase da revista "Problemas". Nunca lhe suspeitei essa vocação para o desenho, e creio mesmo que o próprio Arnaldo até os 30 anos nunca pensou nisso. Achei estranho, portanto, quando ele começou a estudar desenho e pintura, e não levei muito a sério a veneta.

Se no desenho Arnaldo já conseguiu alguma coisa capaz de justificar essa honra que lhe concede o Museu de Arte, é porque durante muito tempo ele trabalhou muito. E trabalhou sem contar com a facilidade dos hábeis; trabalhou com a cabeça e com os olhos, ajudado pela sua paciência.

Na verdade quem conhece o homem sabe que na arte ele buccou e o fez, sem dúvida, conscientemente. — um derivativo para as tristezas e o tédio da vida. Decepções, desilusões, desgostos, um grande desânimo de tudo — isto tudo nós, os seus amigos, sentimos nêle a certa altura de sua vida. Nem na política, nem na literatura, na vida boêmia ou nos negócios, Arnaldo achava qualquer estímulo para as suas próprias forças. Reagiu simplificando ao máximo sua vida, e passou a desenhar tôdas as manhãs. Além do desenho, descobriu o mar. Não tenho dúvida que foram a arte e o mar que o salvaram do desespero em que se afundava e contra o qual parecia inoperante o afeto dos amigos.

Se, contra meus hábitos, exponho assim esta hipótese sobre o processo sentimental de um amigo — e Arnaldo achará abusiva e indiscreta esta crônica — é que estou convencido cada vez mais da grande importância da arte na vida moderna. Tanto mais esta vida se torna complexa, estúpida, violenta e aborrecida, tanto mais gravemente necessária é a arte — qualquer arte — para restaurar o equilíbrio íntimo de cada pessoa. Não importa se você se dedica à harpa ou ao cavaquinho, nem se você se vicia em tocar ou ouvir um instrumento, ver ou pintar quadros. A alegria e a força da arte não pe tencem apenas ao seu criador, mas também a quem a admira. É claro que a criação, com o esforço constante que exige, é a terapêutica melhor; mas não é essencial. Sabemos como os loucos melhoram — e chegam a ficar bons — graças à criação plástica ou musical. E nesta vida de hoje, cada dia mais anormal, qual de nós não tem sua quota de desequilíbrio? Só um monstro de insensibilidade poderia se sentir sempre confortável e seguro em um mundo de tantas desigualdades e tristezas.

Disraeli dizia à sua velha esposa, contemplando o lago em que nadavam os cisnes: "como poderíamos viver se não fossem os cisnes?" Todos nós precisamos de cisnes, temos essa fome de ordem, serenidade, harmonia, beleza, que a arte pode oferecer. E um artista como Arnaldo é sempre um benemérito: lutando contra seus demônios, ele nos ajuda a vencer os nossos.

1/11/12

R. B.

182